

Por que a aposta de Macron fracassou

Sua abordagem tecnocrática no fim das contas não foi capaz de transformar o cenário político da França

Por Jan-Werner Mueller

Valor, 04/07/2024

Na sequência da derrota contundente de seu partido para o Reunião Nacional, de extrema direita, nas eleições para o Parlamento Europeu, o presidente da França, Emmanuel Macron, chocou todo mundo ao dissolver a Assembleia Nacional e convocar eleições antecipadas. Para justificar sua decisão, ele alegou que uma eleição vai “aclarar” a situação política, mas seus compatriotas não têm a mesma opinião.

Mesmo aqueles que não temem que a aposta de Macron leve a extrema direita ao poder estão apreensivos a respeito do caos que pode resultar disso. Nas palavras de Édouard Philippe, primeiro-ministro de Macron de 2017 a 2020, o presidente “matou a maioria presidencial” desnecessariamente. Hoje um Parlamento dividido, sem uma maioria clara e com o Reunião Nacional como seu maior partido é considerado o desfecho mais provável. De qualquer modo, a decisão de Macron deixou uma coisa clara: sua estratégia para criar um centrismo poderoso na França fracassou. Outros líderes europeus deveriam ter isso em mente.

Diz a lenda que a primeira pergunta que Napoleão fazia a um oficial militar não era se ele tinha talento, mas se tinha sorte. Quando venceu as eleições presidenciais de 2017, Macron teve uma sorte extraordinária. O presidente na época era tão impopular que nem se deu ao trabalho de concorrer a um segundo mandato, e o candidato conservador que tinha chances de ganhar foi derrubado por um escândalo. Macron aproveitou a situação para oferecer o que se poderia chamar de uma ressurreição da “terceira via”. Assim como Tony Blair, o líder do Partido Trabalhista britânico que chegou ao poder em 1997, Macron sustentava que a velha clivagem ideológica entre esquerda e direita estava ultrapassada e os centristas deviam simplesmente escolher as políticas que “funcionassem melhor”.

Macron apelou tanto aos socialistas como aos conservadores gaullistas, partindo do pressuposto de que todas as pessoas razoáveis poderiam juntar-se de bom grado ao centro moderado. Qualquer um que recusasse o convite era, por definição, um extremista sem nada de razoável. Essa estratégia teve força durante algum tempo porque o centro de Macron, que parecia em expansão constante, estava flanqueado pela Frente Nacional de Marine Le Pen (hoje Reunião Nacional) pelo lado da extrema direita e pela França Insubmissa de Jean-Luc Mélenchon pelo da extrema esquerda. Mas a abordagem tecnocrática – “se você não está conosco, você não é razoável” – no fim das contas não foi capaz de transformar o cenário político.

Nos primeiros turnos das eleições presidenciais francesas, tanto a extrema direita como a extrema esquerda, a centro esquerda e a centro direita ainda tendem a conseguir pelo menos um quinto dos votos, em média. Mas os Republicanos, de centro direita, têm perdido uma quantidade enorme de votos para o Reunião Nacional, o que levou o líder do partido, Éric Ciotti, a apoiar uma aliança com a extrema direita. Isso é importante porque o apoio esmagador que Macron teve nos segundos turnos das eleições de 2017 e de 2022 – quando

enfrentou Le Pen – deveu-se em grande parte à hostilidade dos eleitores para com a extrema direita, e não a um entusiasmo crescente pela tecnocracia ao estilo Macron.

Pelo contrário, a tecnocracia tende a provocar uma reação negativa, porque cria uma oportunidade para os populistas argumentarem – de maneira razoável – que não existem soluções singularmente racionais para problemas complexos, e que a ideia é que a democracia é uma questão de escolha e de participação popular, e não de elites decretando que não há alternativa. O estilo arrogante de Macron – já em 2017, ele avisou que queria governar como “Júpiter” – com certeza não ajudou. Com ou sem razão, isso fez dele uma figura política odiada de maneira excepcional. Mas mesmo sem levar em conta as falhas pessoais de um homem que se considera um rei filósofo, um projeto centrista que tem por objetivo tirar o melhor da esquerda e da direita sempre teve mais probabilidades de alienar os dois lados do que de harmonizar suas agendas contraditórias.

Depois que Macron perdeu o controle da Assembleia Nacional, em 2022, sua primeira-ministra, Élisabeth Borne, tentou heroicamente costurar maiorias pontuais para fazer a agenda do presidente avançar. Mas em mais de 20 ocasiões ela recorreu a atalhos previstos na Constituição para impor medidas que era nítido que não tinham apoio popular.

O centrismo de Macron não só parecia cada vez mais autoritário; ele também adquiriu uma inclinação para a direita. Assim, seu ministro do Interior linha-dura chegou até a acusar Le Pen de ser branda com o islamismo, e Borne introduziu uma lei de imigração que parecia legitimar o que a extrema direita dizia o tempo todo. Se você toma posições à direita constantemente, acabará por chegar a um ponto em que não poderá mais chantagear os eleitores com o argumento de que você é o único bastião contra o extremismo de direita e o fim da República.

Alguns comentaristas especulam que Macron quer que o Reunião Nacional governe até as eleições presidenciais de 2027 porque acha que o partido se mostrará incompetente e preparará o terreno para uma virada triunfante de volta ao centro. Mas esse tipo de projeto quase pedagógico – em que o professor mostra aos alunos que seu substituto não sabe como fazer o trabalho – está errado por várias razões.

Para começar, nem todos os populistas de extrema direita têm ideias políticas super simplistas ou são amadores em termos de administração. E mesmo nos casos em que se mostram incompetentes, sua sorte pode mudar. Em 2000, quando o maquiavélico primeiro-ministro austríaco, o democrata-cristão Wolfgang Schüssel, levou para o governo o Partido da Liberdade da Áustria de Jörg Haider, de extrema-direita, os populistas de fato se envolveram em disputas internas e revelaram sua incompetência e corrupção. Mas depois de rachar e de lamber as feridas, o Partido da Liberdade avançou até a vitória nas eleições europeias do mês passado.

Além disso, como o sistema francês permite a “coabitação” – quando o presidente e o primeiro-ministro pertencem a partidos que se opõem –, um partido governante que pareça incompetente pode simplesmente alegar que o outro lado o deixa de mãos amarradas. Com os poderes extraordinários da Presidência da França nas mãos, Macron sem dúvida encontrará uma válvula de escape no cenário internacional. Mas é preocupante ver que ele rebaixou sua visão de uma “revolução” em 2017 para um “renascimento” em 2022 e daí para o que é hoje. Macron não conseguiu transformar o movimento a que deu início em um partido político de

verdade, que não depende de um líder carismático. Sem seu carisma, as perspectivas do centro para 2027 parecem realmente sombrias. *(Tradução Lilian Carmona)*

Jan-Werner Mueller, professor de Política na Universidade de Princeton, é autor, mais recentemente, de "Democracy Rules". Copyright: Project Syndicate, 2024.

www.project-syndicate.org